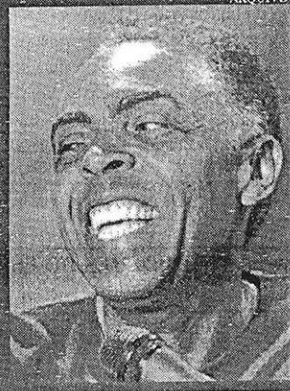


PELA PRESERVAÇÃO DO SERRO E DIAMANTINA

Convênio para recuperação de edificações do patrimônio histórico e cultural do Serro e Diamantina, no Alto Jequitinhonha, foi assinado ontem pela secretária de Estado de Cultura, Eleonora Santa Rosa, representando o Governo do Estado, e o ministro Gilberto Gil (fotos). As obras fazem parte do Programa Monumenta, financiado pelo BID, e são executadas em Minas pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha). Ouro e diamante contam a história das duas cidades, surgidas na parte rica do Jequitinhonha. (Página 8)



A secretária de Estado de Cultura, Eleonora Santa Rosa, representando o governador Aécio Neves, e o ministro Gilberto Gil participaram ontem da solenidade de assinatura de convênio para recuperação do patrimônio cultural urbano do Serro e Diamantina, no Alto Jequitinhonha.

PROGRAMA MONUMENTA

As obras fazem parte do Programa Monumenta, do Ministério da Cultura, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que tem a parceria do Governo de Minas, por meio da Secretaria de Estado de Cultura, e apoio técnico do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha), órgão executor do Programa em Minas.

A secretária e o ministro foram recebidos pelo Grupo de Congado do Serro pela Banda Euterpe do Santíssimo Sacramento. Acompanhados do prefeito Guilherme Simões Neves, eles inauguraram a sede do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) na cidade, que funciona na casa do General Carneiro, e visitaram a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Na Praça da igreja, Eleonora Santa Rosa elogiou a parceria entre os governos estadual



EM DIAMANTINA

e federal na área da cultura:

"É um trabalho de sucesso. Uma parceria que deve ser cada vez mais incentivada, porque dá certo", disse.

MINISTRO CANTA

Em vez de discursar, o ministro preferiu cantar, acompanhado de sanfoneiros. Gilberto Gil interpretou as canções "Xodó", de Dominginhos, que ele gravou em 1973, e "Na Janela", gravação

da trilha sonora do filme "Eu, Tu, Eles"

O Monumenta é um programa de recuperação do patrimônio histórico urbano brasileiro que seja tombado em nível federal. Tem como objetivo combater a degradação e elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas. Atualmente, constituem objeto do programa 101 sítios urbanos considerados patrimônio histórico, artístico ou arquitetônico.

O investimento total do Monumenta no Serro chega a R\$ 4 milhões e será aplicado na restauração

da Chácara do Barão do Serro e das igrejas de Nossa Senhora da Conceição e Bom Jesus de Matosinhos, na revitalização da Praça João Pinheiro, do adro e da ladeira da Igreja de Santa Rita, entre outras obras, todas com término previsto para 2006.

Em Diamantina, onde foram assinados convênios para repasse de verbas, o ministro e a secretária visitaram as obras da Casa do Forro Fimado e da Biblioteca Antônio Torres e participaram da inauguração da Praça Monsenhor Neves.

OBRAS PARA O SERRO E DIAMANTINA

JEQUITINHONHA DE OURO E DIAMANTE

A história do Serro liga-se à exploração de ouro e pedras preciosas na região, que teve seu território ocupado por pequenos povoados mineradores nos fins do século XVII e início do século XVIII. Dois arraiais, o de Baixo e o de Cima, surgiram próximos aos ranchos dos córregos do Quatro Vinténs e do Lucas, de onde era extraído o metal. Em pouco tempo, as áreas juntaram-se, formando o Arraial das Lavras Velhas do Ibituraf que, em 1713, tornou-se freguesia e, em 1714, foi elevado à categoria de Comarca do Serro Frio. A Vila do Príncipe tornou-se sua sede e teve grande impulso desenvolvimentista.

Antes de 1730, já haviam sido descobertos diamantes em regiões próximas, o que levou a coroa portuguesa a demarcar, em 1733, o Distrito Diamantino, cuja sede era o arraial do Tijuco (Diamantina).

Serro conserva o mesmo traçado básico da segunda metade do século XVIII, quando a então Vila do Príncipe já se encontrava urbanisticamente definida: um aglomerado de casas ocupando um espaço acidentado entre as margens dos ribeiros auríferos e as encostas de pequenos morros. As igrejas se acomodavam nos locais mais altos, em patamares artificialmente criados, destacando-se, além da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a de Nossa Senhora do Carmo, a de Santa Rita, a de Nossa Senhora do Rosário, a de São Miguel e Almas e a do Bom Jesus do Matosinhos.

DIAMANTINA

Nos primeiros anos do século XVIII, uma bandeira partiu

da região de Serro Frio, seguindo o curso do Rio Jequitinhonha. Ao encontrar grande quantidade do minério, estabeleceu-se às margens do córrego do Tijuco, fundando o arraial do mesmo nome, mais tarde a cidade de Diamantina. Mas não foi a mineração de ouro e, sim, a descoberta de diamantes que marcou a história de Diamantina e fez com que ela se diferenciasse das outras cidades mineradoras.

Seu traçado urbano apresenta a configuração típica das cidades do Ciclo do Ouro, com malha em padrão irregular, ruas adaptadas à topografia acidentada do terreno e edifícios públicos servindo como referência dentro do espaço urbano.

Como todas as cidades coloniais mineiras, Diamantina acha-se incrustada em uma escarpa montanhosa. A perspectiva gerada pelas diferentes alturas dos telhados e das torres das igrejas marca a paisagem da cidade.

A extraordinária riqueza gerada pela extração de diamantes possibilitou a construção de templos e residências de grande apuro técnico e estilístico, pois era possível importar materiais de acabamento diretamente da metrópole portuguesa. Das sete igrejas implantadas no Núcleo Histórico, destaca-se a de Nossa Senhora do Carmo.

A casa de Xica da Silva, negra que usufruiu de privilégios só concedidos aos brancos poderosos, por ter sido amante de um deles, é uma das referências da história de poder e conflito na região de Diamantina.

Dois outros imóveis são representativos da história da cidade: a Casa do Padre Rolim, cujos bens foram confiscados em razão de seu envolvimento com a Inconfidência Mineira, e



ESCADARIA NO SERRO

onde hoje funciona o Museu do Diamante, e o Mercado Municipal, construído em fins do século XIX em local que abrigava um rancho de tropeiros, destinado ao descarregamento e comercialização de mercadorias.

A cidade apresenta não só monumentos significativos para a história da arte e arquitetura dos séculos XVII, XVIII e XIX, mas também o século XX se faz presente em várias obras do arquiteto Oscar Niemeyer.

Em 1972, a Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura - Unesco - criou a Convenção do Patrimônio Mundial, para incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade. Do Brasil, 17 bens foram inscritos na lista do Patrimônio Mundial, entre os quais está Diamantina.